



SAÚDE DE ESTUDANTES NEGRAS E SUAS INTERFACES COM O PRECONCEITO RACIAL: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS

Resumo: Indicadores educacionais mostram uma significativa inclusão de mulheres negras no Ensino Superior. Porém, a permanência em sala de aula se realiza com barreiras. O cotidiano escolar de estudantes negras e negros demonstra que superar o racismo é um dos maiores obstáculos. Esta pesquisa objetivou compreender os impactos do racismo nas condições de saúde de estudantes negras do Curso de Licenciatura em Pedagogia e os seus modos de enfrentamento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada no Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Participaram da coleta dos dados cento e quarenta e três estudantes mulheres, utilizamos a técnica de relatos autobiográficos para a produção dos dados. As categorias extraídas foram: violência docente, preconceito racial, saúde mental e estratégias de enfrentamento. Concluímos sugerindo mais discussões sobre preconceito racial e saúde de estudantes no espaço universitário, assim como a modificação da matriz curricular do curso de Pedagogia.

Descritores: Depressão, Saúde de Estudantes Negras, Ensino Superior.

Health of black students and their interfaces with racial prejudice: autobiographical reports

Abstract: Educational indicators show a significant inclusion of black women in Higher Education. However, staying in the classroom comes with barriers. The daily school life of black students demonstrates that overcoming racism is one of the biggest obstacles. This research aimed to understand the impacts of racism on the health conditions of black students on the Pedagogy Degree Course and their ways of coping. This is qualitative research, carried out at the Education Center of the Federal University of Pernambuco. One hundred and forty-three female students participated in data collection. We used the technique of autobiographical reports to produce the data. The categories extracted were: teacher violence, racial prejudice, mental health and coping strategies. We conclude by suggesting more discussions about racial prejudice and student health in the university space, as well as the modification of the curricular matrix of the Pedagogy course.

Descriptors: Depression, Health of Black Students, Higher Education.

La salud de los estudiantes negros y sus interfaces con los prejuicios raciales: informes autobiográficos

Resumen: Los indicadores educativos muestran una inclusión significativa de las mujeres negras en la Educación Superior. Sin embargo, permanecer en el aula conlleva barreras. La vida escolar diaria de los estudiantes negros demuestra que superar el racismo es uno de los mayores obstáculos. Esta investigación tuvo como objetivo comprender los impactos del racismo en las condiciones de salud de los estudiantes negros de la Licenciatura en Pedagogía y sus formas de afrontamiento. Se trata de una investigación cualitativa, realizada en el Centro de Educación de la Universidad Federal de Pernambuco. En la recolección de datos participaron 143 estudiantes mujeres, para cuya producción se utilizó la técnica de los relatos autobiográficos. Las categorías extraídas fueron: violencia docente, prejuicio racial, salud mental y estrategias de afrontamiento. Concluimos sugiriendo más discusiones sobre prejuicio racial y salud estudiantil en el espacio universitario, así como la modificación de la matriz curricular de la carrera de Pedagogía.

Descriptores: Depresión, Salud de Estudiantes Negros, Educación Superior.

Auxiliadora Maria Martins da Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-doutora pela Universidade Federal do Ceará. Professora do curso de graduação em Pedagogia na UFPE. Coordenadora do GEPAR - Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografia, Racismos e Antirracismos na Educação.

E-mail: auxiliadora.martins@ufpe.br

Maria Sandra Montenegro Silva Leão

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutora pela Universidade de Coimbra. Professora do curso de graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: sandra.montenegro@ufpe.br

Submissão: 07/12/2023

Aprovação: 04/02/2024

Publicação: 19/02/2024



Como citar este artigo:

Silva AMM, Leão MSMS. Saúde de estudantes negras e suas interfaces com o preconceito racial: relatos autobiográficos. São Paulo: Rev Remecs. 2024; 9(15):32-42. DOI: <https://doi.org/10.24281/rremecs2024.9.15.3242>

Introdução

A carne mais barata do mercado é a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos.
(Composição da autoria de Jorge Mário da Silva, Pedro
Aznar, Ulisses Tassano e Marcelo Fontes)

A epígrafe acima é um trecho da música A carne, interpretada por Elza Soares, e que reflete com maestria a situação de grande parte da população negra deste país. Concordamos com os autores da letra da música que a violência do preconceito de cor pode adoecer, enlouquecer, destruir, isolar e matar milhares de pessoas pretas e pardas.

Não somente os negros e negras vão para debaixo do plástico (morar nas ruas), para o subemprego (reforçando o ciclo de pobreza), para o presídio e para os hospitais psiquiátricos (reativando o ciclo do abandono), a carne negra também está em escolas públicas carentes de uma proposta curricular inclusiva, respeitadora da ancestralidade de seus estudantes.

O contexto de exclusão e de violência para com as pessoas vulneráveis está presente na sociedade brasileira desde o período escravagista. Pesquisas demonstram que o adoecimento da população negra do Brasil é fruto de múltiplos fatores, determinados pelas lógicas racistas de exclusão e de visão de inferioridade das pessoas negras que atravessam os séculos. Não há estudos suficientes para demonstrar uma correlação entre raça/cor e a falta de atendimento de saúde qualitativo. Entretanto, esta pesquisadora não nega a existência de uma alta ocorrência de adoecimento da população negra devido ao escasso acesso aos serviços públicos de saúde¹.

O contato cotidiano com estudantes negros e negras no curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco nos permite perceber um conjunto de problemas conectados com o problema do preconceito racial e qualidade da atenção à saúde desta população.

A cada semestre as queixas aumentam, quase sempre ligadas a condições graves, por exemplo: ansiedade, palpitações, depressão, fobias dentre outros sintomas. De modo que nos motivamos a desenvolver uma pesquisa sobre o impacto do preconceito racial nas condições de saúde em estudantes negras do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Os atestados médicos não desmentiam as condições de saúde de nossos estudantes, homens e mulheres negras trazendo para a sala de aula o sofrimento causado por inúmeros fatores. Não se pode afirmar que o espaço escolar universitário é o principal responsável pelo adoecimento discente, porém compreendemos a vida de modo complexo, ou seja, todas as esferas da vida estão entrelaçadas e cada escolha gera uma infinidade de consequências. Refletir acerca dos adoecimentos de estudantes negros e negras é elaborar a tentativa de ler o todo e negar compreensões fragmentadas dos sujeitos e da realidade.

Este artigo apresenta o relato das condições de saúde desses e dessas estudantes do curso de Pedagogia. Sofrimentos atravessados por várias condições sociais, culturais e históricas.

A pesquisa teve o aporte teórico-metodológico da narrativa autobiográfica. Esse construto metodológico contribui para a construção da interação entre o narrador/pesquisador e o

narrador/participante, assim como se constitui em um dispositivo de reflexão sobre si mesmo, o que repercute no conhecimento de suas circunstâncias de vida através da memória e, ao mesmo tempo pode ser gerador de autoconhecimento e de transformações em âmbito pessoal e coletivo.

Objetivo

A pesquisa se orientou pelos seguintes objetivos: Geral - Analisar os impactos do preconceito racial em estudantes de graduação do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco.

Os objetivos específicos, enquanto desdobramentos para se alcançar o objetivo geral foram:

- Mapear produções acadêmicas que abordam o problema do preconceito racial.
- Identificar situações potencialmente destrutivas da saúde da população negra.

Aplicar a entrevista narrativa autobiográfica em estudantes negros e negras para elaborar o perfil e as queixas acerca do preconceito racial.

Material e Método

Neste item, apresentamos o material coletado para auxiliar nas análises e para a compreensão do fenômeno do preconceito racial vistos sob a ótica acadêmica e científica.

O conceito de saúde da população negra e suas reverberações no campo educacional

Para o Ministério da Saúde, algumas doenças são mais comuns na população negra: diabetes, hipertensão arterial, doença falciforme e miomas, porém o que chamou a nossa atenção foi a prevalência da depressão, que se constitui em uma “doença mental de elevado risco, associada ao suicídio, tende a ser crônica e recorrente, principalmente quando não é tratada”².

Embora exista uma multiplicidade conceitual sobre saúde, entendemos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde que “saúde é o estado de completo bem-estar físico, mental, social e espiritual”³. O aspecto ‘espiritual’ foi incorporado ao conceito geral de saúde em 1999. É uma postura mais integrativa do ser humano, uma vez que a medicina ocidental e tradicional mantém práticas de cuidados com abordagens focadas em determinadas partes do corpo humano, sem observar as singularidades dos sujeitos, assim como os fatores psicológicos, biológicos, entorno social, institucionais, grupos familiares que formam o todo da vida e podem contribuir ou não para o adoecimento.

De acordo com a Associação Mundial de Psiquiatria, é preciso atenção e desenvolvimento do cuidado, do diagnóstico, da etiologia e do tratamento de transtornos psiquiátricos, uma vez que a negligência destas variáveis pode ser agravada e/ou agregar outros problemas, por exemplo, o uso de drogas e álcool, ou ainda, comportamentos de automutilação ou tentativas de suicídio⁴.

A Organização Mundial de Saúde apresentou dados importantes sobre as taxas de suicídio no mundo, ocorridos em 2019. O que mais matou pessoas no mundo inteiro foi o suicídio, prevalecendo sobre os diversos tipos de cânceres ou homicídios. Este dado numérico é um grande alerta para as formas como os seres humanos estão sendo tratados ou cuidando de si e de suas relações afetivas no campo do trabalho e das relações em geral.

No Brasil, o Ministério da Saúde também publicou dados preocupantes quanto à saúde mental e a taxa de suicídios: de 2010 a 2019 o Brasil teve 13.523 casos de suicídio. A tendência é de aumentar

esse índice. É uma situação-limite que muitos indivíduos ‘escolhem’ por um fim ao que o faz sofrer de modo intenso e constante.

Em relação à educação, os problemas de saúde mental podem ser identificados a partir de vários comportamentos, desde que os professores e professoras desenvolvam uma aguçada atenção acerca de seus estudantes. No caso do ensino em uma Instituição de Ensino Superior, as matrizes curriculares são elaboradas a partir de disciplinas, e diversos professores e professoras estão com os estudantes em sala de aula em torno de cinco meses, portanto, há condições de observarmos, interagirmos e desenvolvermos uma situação de escuta sensível.

O Centro de Educação da UFPE tem o Espaço de Acolhimento que tem por objetivo: “Propor um espaço de acolhimento a estudantes, que oportunize uma formação comprometida com a associação entre ética e cuidado, a partir de um horizonte de sentido que preserva a noção de formação integral do ser humano”⁵.

O Espaço de Acolhimento do CE está calcado na problematização da formação integral do sujeito através da Ética do Cuidado. O EA do CE (Espaço de Acolhimento do Centro de Educação) iniciou em 2017 como um projeto para acolhimento de estudantes do Centro de Educação da UFPE que se encontravam em estado de sofrimento. Essa ação se desenvolveu a partir da abertura e do funcionamento de uma sala para atender aos alunos duas vezes na semana, em cada um dos três turnos (manhã/tarde/noite). Além desse espaço de escuta, foram oferecidas oficinas de promoção à resiliência. O grupo de escuta era formado por técnicos e professores do Centro de Educação. Importante ressaltar que o EA, logo de início, contou com parcerias internas e externas da UFPE, como o NASE (Núcleo de Apoio à Saúde do Estudante), o CIS (Centro Integrado de Saúde) e o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial)⁵.

Portanto, existe no Centro de Educação da UFPE uma proposta de escuta para estudantes que chegam em sofrimento emocional ou mental. Entretanto, o período em que todos e todas nós estivemos afastados devido à pandemia da COVID-19 não foi possível continuar com os atendimentos aos estudantes.

Ao voltarmos para a sala de aula percebemos que os problemas de depressão se agravaram e impactaram o processo de aprendizagem. Ressaltamos que o problema da depressão precisa ser tratado por uma equipe multidisciplinar, ou seja, com a participação de médicos, assistentes sociais, psicólogos, pedagogos, uma equipe que possa compreender a partir de uma abordagem integral o que está se desencadeando na pessoa, de modo que o tratamento seja mais completo e eficaz.

Além do Espaço de Acolhimento do Centro de Educação, existe o PROBEM - Programa de Saúde Mental e Bem-estar do Centro de Artes e Comunicação - desenvolvido a partir do crescente problema das condições emocionais e mentais dos estudantes por conta do estresse com a vida universitária. Outros programas com esta mesma finalidade estão presentes por toda a instituição universitária. Isto reflete a seriedade do adoecimento estudantil.

Amplia-se, em nosso entendimento, a percepção da necessidade da Universidade Federal de Pernambuco compreender e tratar os problemas estudantis para além das situações de desempenho acadêmico. Nesta nossa pesquisa identificamos o problema do preconceito racial enquanto uma dimensão que se agrega a dinâmica de adoecimento já existente e causada pelos demais fatores biológicos,

familiares, psicológicos e sociais, de maneira que o pressuposto de pesquisa foi o argumento que o preconceito racial deve se constituir em um dos pilares para o atendimento de estudantes negros e negras.

O preconceito racial e étnico em relação às minorias está na base da história do Brasil desde o modelo colonialista implantado, o que causou danos irreparáveis a milhares de vítimas do imperialismo europeu, e, portanto, expropriou tanto os valores materiais quanto criou e disseminou estereótipos negativos em relação às populações negras e indígenas.

Conforme anunciado na introdução deste artigo, a abordagem de pesquisa se apoiou nas narrativas autobiográficas por entendermos que a escrita de si é um processo facilitador do autoconhecimento e possibilita novas aprendizagens a partir do diálogo crítico realizado durante o processo de pesquisa. Neste sentido, ressaltamos a importância da educação para todos e todas. Conforme Nilma Gomes, “[...] a educação não é a solução para todos os males, porém ocupa um lugar importante nos processos de produção sobre si e sobre os outros⁶.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra que não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional⁷.

A coleta dos dados foi realizada ao longo do período de 2018 e 2020 e seguiu a seguinte trajetória:

1 - Solicitar escritas autobiográficas para estudantes do curso de Pedagogia, na disciplina Teoria Curricular. Recebemos 143 autobiografias respondendo a seguinte questão: Conte sua história de vida na perspectiva do porquê você quer se tornar Pedagogo/a.

2 - Realização de entrevistas com gestores e gestoras públicos de saúde em Recife, Olinda, Jaboatão e Universidade Federal de Pernambuco.

3 - Entrevista com 143 estudantes do curso de Pedagogia que escreveram suas biografias, com o intuito de complementar dados não identificados nas narrativas escritas.

4 - Leitura e compreensão de documentos ligados ao curso e da Lei 10.639/2003.

5 - Análise dos dados e escrita do relatório e deste artigo.

Estamos descrevendo os dados apenas referentes às condições de saúde da população estudantil negra, do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Obviamente, alguns dados do curso de Pedagogia aqui evidenciados não podem ser desvinculados das análises, uma vez que os estudantes entrevistados/as estão em busca de sua formação profissional.

É importante ressaltar que o aumento de estudantes negros na universidade se deve à implementação das ações afirmativas. A lei 3627/2004 instituída pelo Congresso Nacional Brasileiro foi significativa para se desenvolver processos inclusivos, todavia, ainda temos poucos estudantes negros e negras na educação superior quando se olha a proporção entre pessoas negras e brancas⁸.

Os dados e as análises acerca do adoecimento da população estudantil negra

O curso de licenciatura em Pedagogia do Centro de Educação da UFPE tem em seu corpo estudantil a maioria de mulheres, negras, mães, trabalhadoras

formais e informais. Porém, é sintomático problema da evasão escolar, principalmente das estudantes que apresentam queixas de adoecimentos, sintomas de depressão, atestados médicos constatando o adoecimento mental e emocional.

Muitas dessas mulheres tomam medicamentos controlados. O núcleo de assistência ao estudante da UFPE alegou que a fila de espera para o atendimento dos estudantes é muito longa. Estávamos no ano de 2019, em vias de agravamento da situação social e de saúde da população brasileira, em especial das minorias, das pessoas pobres, negras, mulheres, mães e trabalhadoras.

Nesta pesquisa, considerando a quantidade de estudantes entrevistados temos a seguinte distribuição:

Quadro 1. Quantitativo de estudantes quanto ao turno de estudos.

Turno	Quantidade de Estudantes	%
Manhã	54	39,1
Tarde	31	22,5
Noite	53	38,4
Total	138 respostas	100

Os turnos da manhã e noite possuem o maior quantitativo de estudantes. Geralmente, os estudantes do turno da noite trabalham em tempo integral e vão para a universidade após um extenuante dia de trabalho.

A faixa etária dos entrevistados se situa na faixa de 18 a 25 anos (corresponde a 39% da população) e entre 41 e 58 anos, equivalente a 13% da população estudantil). Os demais estudantes estão na faixa etária entre 26 e 35 anos.

O fator idade apresenta um maior índice de afastamentos, seja por problemas de saúde ou familiares. Em maioria são estudantes mulheres com

jornadas triplas de trabalho e são afetadas pelas condições materiais, muitas vezes precárias, assim como adoecimentos de diversas ordens.

Consideramos o fator religião importante para delinear um quadro mais completo dos participantes da pesquisa, porém, as análises acerca das condições de saúde e/ou de adoecimento estão ligadas ao problema do preconceito racial vivenciado por essas estudantes.

Quadro 2. Distribuição da preferência religiosa.

Religião	Quantidade de Estudantes	%
Católica	46	43
Evangélica e/ou protestante	42	39
Sem religião	08	07
Espírita Kardecista	06	06
Agnóstico	01	01
Espiritualista	02	02
Candomblé	01	01
Total de respostas	106	100

A religião ou alguma forma de vivenciar a espiritualidade tem sido percebida como importante para o cuidado com a saúde. Ideias que relacionam as práticas de oração têm estado em pauta nas agendas sobre a saúde da população. A Conferência Nacional de Consenso, organizada em 2009 defendeu que a espiritualidade ou religiosidade deve ser integrada aos cuidados com a saúde.

Em 2010, a Associação Europeia de Cuidados Paliativos se reuniu na Holanda e definiu espiritualidade como:

A dimensão dinâmica da vida humana relativa ao modo como as pessoas experenciam, expressam e/ou buscam sentido, propósito e transcendência, e o modo como elas se conectam com o momento, consigo mesmas, com os outros, com a natureza, com o

significante e/ou o sagrado. A espiritualidade é manifesta através de crenças, valores, tradições e prática⁹.

Da mesma maneira que as questões religiosas e espirituais estão emergindo no campo da saúde, é importante que também aportem no meio educacional, acadêmico, uma vez que estamos nos distanciando das noções binárias da vida: certo e errado, razão e emoção, bonito e feio, dentre outras concepções que acompanham a perspectiva cartesiana.

Resultados e Discussão

Os relatos dos estudantes negros e negras revelam situações-problemas, indicadoras das formas que a discriminação racial é praticada na vivência de sala de aula. Aqui elaboramos uma distinção entre preconceito racial e discriminação racial. Ambos os conceitos estão interligados, mas o preconceito étnico-racial é direcionado para todos os grupos sociais de pessoas negras, e a discriminação racial desenvolve-se para a direção individual, ou seja, cada estudante relatou a sua experiência de ter se sentido discriminada devido ao fator de cor de pele.

Levantamos possibilidades da discriminação racial está imbricada com questões de gênero, uma vez que o lugar social da mulher negra tem sido marcado por violências e exclusões. Essa discussão ficou reservada ao relatório final da pesquisa.

Narrativas de estudantes e categorias sobre o preconceito racial podem ser encontradas nas seguintes categoriais:

1 - **A violência docente:** segundo o relato da estudante X, ela esteve afastada por motivos de adoecimento, mas a volta para a sala de aula foi traumática: “Ao completar o período de afastamento, tentei explicar a professora o motivo do afastamento.

Grande foi a minha surpresa: a docente ordenava que eu me retirasse da sala, pois já estava reprovada. Tentei no momento dialogar, mas ela não me deixava falar. Pedi para ficar na sala para aprender melhor. Mais uma vez houve a negativa da professora. Ela falou que dentro da sala de aula ela tinha autonomia. Procurei a direção do Centro de Educação que apenas reforçou o que a professora alegava em relação a autonomia em sala de aula”.

O problema da violência em sala de aula também foi relatado por outras estudantes e possui variada gama de nuances, desde a dificuldade para encontrar um ou uma professora para orientar os trabalhos de conclusão de curso até as situações vexatórias que obrigam estudantes a apresentarem os seminários definidos pelos docentes do curso, conforme o relato da estudante Y: Professor, eu não consigo apresentar seminários... eu não estou me sentindo bem. Por favor, me deixe fazer um trabalho escrito ou deixe que eu apresente só para o senhor. – Ué, mas você vai ser professora, tem que aprender a falar em público. Se não apresentar o seminário vai ficar sem nota. Mão geladas, coração acelerado, sensação de desmaio, tontura, boca seca, sensação de morte eminente”.

Essa fala da estudante Y demonstra que o professor está interessado na quebra das inibições para falar em público, porém o formato de obrigação e da falta de alternativas para demonstrar o que os estudantes sabem vai em sentido contrário aos pressupostos das inteligências múltiplas. O psicólogo Howard Gardner, desde os anos de 1990 defende que temos diversas potencialidades e podemos aprender de diferentes meios e maneiras. Portanto, considerar apenas uma maneira de construção ou demonstração do conhecimento pode reforçar o ciclo de timidez e de

baixa autoestima. De certo modo, a atitude e fala do professor em tela, está ligado a um modelo ideal de estudante e de profissional. Os métodos de avaliação e distribuição de notas podem ser violentos quando forçam estudantes a não refletirem sobre seu processo de aprender, sua relação com o conhecimento e com a escolha profissional.

O papel do professor é relevante para as influências que exercem junto aos estudantes, e isto não é diferente no ensino superior. Ao longo da nossa vida passamos em torno de 20 anos nos bancos escolares, desde a Educação Básica até a Universidade. Significa dizer que nos constituímos em humanos pela via da educação, da convivência com outros humanos que nos ajudam na construção de quem somos. O ser humano pode construir, reconstruir ou fragmentar seu ego a partir das influências que recebe.

2 - O preconceito racial: a violência do preconceito racial foi identificada pelos estudantes como algo que afeta as condições de saúde e de aprendizagem. Ressaltaram os casos de violência física extrema contra estudantes africanos que faziam estudos de intercâmbio. Os ataques transfóbicos à população LGBTQIA+, que vão desde palavras ofensivas até agressões físicas e exclusão disfarçada em sala de aula, principalmente se forem estudantes negras e trans. As denúncias acontecem, mas a maioria considera que as atitudes institucionais não ajudam a debelar esse processo de preconceito.

A estudante W relatou os atos de vandalismos ocorridos no Centro de Educação, em relação aos materiais para a comemoração do Dia da Consciência Negra. Cartazes rasgados, estragados, jogados ao

chão. Fotos marcadas, amassadas, destruídas para impedir a exposição durante o evento em 2020.

O espancamento da estudante do Centro de Educação Dália Celeste negra e trans. Tornou-se um caso emblemático de como a violência do preconceito racial e de gênero pode afetar pessoas e comunidades.

A violência se manifesta de diversas formas, em nossa investigação percebemos que ela acontece de três maneiras: a primeira é a violência do professor para com estudantes. Segundo as falas dos relatos, professores que se distanciam das fragilidades dos estudantes e exigem um desempenho único para todos e todas em sala de aula. Não diversificam as maneiras de avaliar e exigem um tipo ideal de estudantes. Ou seja, os estudantes de classe média e alta que podem se dedicar aos estudos sem precisar trabalhar ou cuidar de afazeres domésticos. A segunda forma é a violência de estudantes contra estudantes devido à idade, a cor da pele ou de gênero.

Neste caso, observam as entrevistadas que as estudantes consideradas fora da faixa etária ou que são mães, avós são vistas como pessoas velhas e que não compartilham as linguagens e formas de viver dos estudantes mais jovens. A cor da pele é um preconceito que pode não estar visível, mas é percebido nos comportamentos dos demais colegas de sala. A percepção que pessoas negras têm mais dificuldade de aprender ou que são menos capazes está disseminada com bastante força, e se apresenta com nitidez nos momentos de formar os grupos de estudos ou de apresentação dos seminários.

O terceiro modo de violência se apresenta no preconceito institucional, embora haja a negação veemente em relação ao preconceito racial, pois cada

pessoa ou cada instituição sempre tem uma visão positiva e otimista de si mesma, os fatos demonstram que não é bem assim. Se não se abre espaço para discutir os problemas gerados pelo preconceito racial e como ele se manifesta na instituição, veremos que o aforismo elaborado por Wittgenstein permanece intacto: “sobre o que não se pode falar, deve-se calar”.

A condição de saúde das mulheres afrodescendentes, estudantes do curso de Pedagogia do Centro de Educação está em processo de adoecimento constante. Os adoecimentos estão dentro de um quadro social e político que se desenrola desde o período colonial, mas também é fruto de outras situações: é negado aos estudantes negros o conhecimento de produções acadêmicas elaboradas por filósofos, educadores, psicólogos, historiadores negros e negros, que são competentes em suas áreas de saber e podem colaborar para dialogar e refletir com autores europeus brancos, predominantes na matriz curricular do curso. Não se reconhecer dentro de um determinado grupo afeta a condição emocional.

A solidão provoca o adoecimento mental e psíquico, uma vez que muitos dos estudantes entrevistados precisam redobrar os esforços para conseguir o diploma desejado. A vida para estudantes negras, moradoras de periferias, que trabalham para dar conta das despesas de casa, e muitas delas tomam conta de seus filhos sozinhas.

O agravamento da depressão pode ocorrer por causa de diversos fatores, mas não devemos deixar de considerar os padrões de exigências da academia. Esses são frutos de uma visão institucional que busca a excelência e a competência nos moldes do

capitalismo, que busca devolver à sociedade o profissional competente, que se adapta a todas as funções exigidas pelo mundo do trabalho, mesmo que para alcançar tal finalidade se sacrifique a história, a cultura e a nossa ancestralidade.

Os modos de enfrentamento do preconceito racial são realizados a partir do engajamento das estudantes negras ao diretório acadêmico de Pedagogia, buscar ajuda nos serviços de atendimento aos estudantes, relatar os problemas vivenciados em sala de aula a coordenação do curso, assim como formar redes de apoio entre as colegas de sala de aula. Deste modo algumas conquistas aconteceram de modo positivo, entretanto, o problema do racismo estrutural e suas contribuições para o adoecimento ainda são perceptíveis.

Considerações Finais

Ao longo dos anos, desde 2018 até o momento atual, temos pesquisado e atuado sistematicamente junto aos estudantes negros e negras do curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Defendemos uma educação e uma formação inclusiva para aqueles e aquelas que possuem uma deficiência, assim como para as pessoas de diversas etnias indígenas, negras, que desde muito tempo permanecem nas periferias da vida.

Se não mudarmos as formas de atendimento à saúde de estudantes negros e negras, iremos repetir o ciclo de adoecimentos diversos, impactando os modos de aprender e de viver a formação profissional. São vários tentáculos da violência que afetam a saúde de pessoas negras, não somente na universidade, mas em todos os espaços sociais.

Não é incomum lermos nos jornais escritos e televisados as notícias de homicídios, agressões,

violências sexuais e feminicídios. Esses causam transtornos mentais e comportamentais a médio e longo prazo, principalmente porque a justiça tem sido mais lenta para as pessoas negras e vulneráveis.

Neste trabalho de pesquisa buscamos compreender como o problema do preconceito racial afeta a saúde mental de nossos estudantes negros e negras, assim como conhecer os modos como reagem as situações de preconceito étnico-racial.

São mulheres e homens em busca de uma formação profissional e humana, entretanto, ao se depararem com o universo acadêmico apresentam problemas de diversas ordens e que resultam em adoecimentos, notadamente a depressão.

A fragilidade da saúde ocorre desde problemas que estes estudantes tiveram em suas infâncias, ao modo como se relacionam com suas respectivas famílias e como lidam com as exigências na sala de aula.

A Universidade Federal de Pernambuco possui programas de ajuda estudantil, os centros oferecem projetos que amenizam o sentimento de solidão e abandono que muitos trazem para o espaço de estudos.

Estas ações ajudam a amenizar a situação, porém é necessária mais profundidade para debelar o problema central que contribui para o adoecimento dos estudantes negros e negras: o preconceito racial.

Um trabalho educativo pode ser interdisciplinar ou transdisciplinar, mas se não conseguir entender como fatores históricos, culturais e sociais impactam a saúde dos estudantes, o ciclo de adoecimento continuará em uma roda constante.

A começar pela estrutura curricular, se faz necessário um modelo de formação que discuta,

analise as obras de autores e autoras que podem ser indígenas, negros, asiáticos, muitos trazem contribuições para repensar a sociedade humana na atualidade, a exemplo dos indígenas Ailton Krenak, Davi Kopenawa, dentre outros. Os autores africanos: Appiah, Grada Kilomba, Sílvio de Almeida, enfim, oportunizar a construção de saberes e propostas a partir de saberes de outras culturas e de outros lugares.

Defendemos a inclusão de saberes diversos, este procedimento potencialmente ajuda no reconhecimento da importância do outro. Temos um modelo de educação baseado nos gregos, mas também podemos conhecer as contribuições da filosofia ubuntu para a vida, para a ética de convivência.

Podemos retomar as contribuições da civilização egípcia para a humanidade, assim como as histórias de lutas pela liberdade com as grandes lideranças negras, os movimentos sociais negros, a história dos quilombos, daqueles e daquelas que lutam para manter o legado histórico da cultura negra, a exemplo do quilombo do Portão do Gelo, em Olinda.

Estas atitudes pontuais podem melhorar a condição de autoestima dos nossos estudantes negros e negras, ajudar na construção de um aparelho mental e psíquico mais saudável. Quanto mais negamos a valorização do outro, mas se intensificam as pulsões de morte e o resultado é a fragmentação das condições mentais e do corpo físico.

Referências

1. Favacho V. Acesso da população negra a serviços de saúde: revisão integrativa. Rev Bras Enferm. 2020; 73(4):e20180834.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Brasília. 2009. Disponível em:

<<http://www.ministeriodasaude.planalto.gov.br>>. Acesso em 01 fev 2019.

3. Organização Mundial da Saúde - OMS. Relatório Mundial de Violência e Saúde. Genebra: OMS. 2000.

4. Associação Mundial de Psiquiatria. Diagnóstico e Tratamento dos Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed. 2018.

5. Santos F. Caminhos para o reencantamento da vida: entre demandas e práticas de cuidado e acolhimentos da UFPE. Dissertação de Mestrado em Educação. Centro de Educação: UFPE. 2021.

6. Gomes NL. As práticas pedagógicas com as relações étnico-raciais nas escolas públicas: desafios e perspectivas. In: GOMES, Nilma Lino (Org) Práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva da Lei nº 10.639\03. Brasília: Mec, UNESCO. 2012.

7. Munanga K (Org.) Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação. 2005.

8. Carneiro S. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro. 2011.

9. Associação Europeia de Cuidados Paliativos. A condição humana entre tensões. Coimbra: Edições Almedina. 2010.